



D. Jorge Pina Cabral

PEDRAS VIVAS DE UMA ESPERANÇA VIVA

Pedro destina a sua primeira carta bíblica a cristãos de diversas comunidades espalhadas pela vasta região da Ásia Menor. Estes cristãos enfrentavam dificuldades e perseguições por causa da sua fé. Pedro infunde-lhes coragem aconselhando-os vivamente a viverem vidas de testemunho, esperança e santidade. Para ele, cada crente é uma «pedra viva» de um edifício espiritual que é a Igreja e cujo fundamento e único alicerce e sustento é Jesus Cristo.

Ser «pedra viva» segundo o Apóstolo requer a fé pessoal em Jesus Cristo e a disponibilidade para fazer parte com outros, de uma realidade maior que a todos nos congrega e que é a Igreja enquanto Corpo de Cristo. Dado que nenhuma pedra se sustenta por si mesma, dependemos uns dos outros e todos dependemos e somos sustentados por Jesus Cristo, que como cantamos é «a pedra preciosa que Deus predestinou».

Pedro ajuda-nos a compreender que a Igreja, mais do que uma Instituição terrena, com o seu poder e os seus problemas próprios, é uma realidade espiritual chamada a herdar o chamamento de Deus feito outrora ao povo de Israel e agora e em Jesus Cristo, destinada a ser «gente escolhida, um povo santo de sacerdotes ao serviço do Reino, povo que pertence a Deus» (I Pedro 2,9). A Igreja que somos, percebe-se, pois, à luz da História da Salvação e do chamamento feito por Deus a Israel e mais tarde a toda a humanidade na pessoa de Jesus Cristo. Não é um fim em si mesmo, antes uma realidade que nos projeta desde já, numa outra realidade maior e que é o Reino de Deus, inaugurado e proclamado por Jesus Cristo.

Visitei recentemente a Missão de S. Mateus em Chifunge perto de Maputo – Moçambique. Fui recebido pelo irmão Elias que na sua prolecta idade continua a ser um fiel animador desta comunidade cristã. Contou-me que o trabalho missionário se tinha iniciado há quarenta anos atrás à sombra de uma bonita árvore que ainda lá se mantém. A sua mágoa consiste em não terem conseguido ainda erguer um templo para a Igreja. Compreendi a sua preocupação e lamento, mas acima de tudo dei graças a Deus pelas «pedras vivas» que me receberam e que apesar das contrariedades continuam a manifestar uma fé viva, alegre e compro-

metida. Ali na simplicidade do lugar e na humildade do grupo congregado, a metáfora das «pedras vivas» usada por Pedro na sua carta, ganha expressão e vida. A exigência do contexto e as dificuldades enfrentadas, alimentam uma fé e um compromisso, que faz com que «os anciãos e os jovens tenham sonhos e visões proféticas» (Joel 3,1). Ali percebemos claramente, de que mais do que uma instituição a Igreja é Corpo de Cristo. Mais do que templos de pedra erguidos a Igreja é a realidade viva da fé das pessoas que a constituem.

Enquanto bispo sugiro que cada comunidade ganhe esta consciência reunindo-se regularmente fora das paredes e da segurança da Igreja, quem sabe até, e neste Verão, à sombra de uma bonita árvore?! Como tudo seria e será diferente no ganhar da consciência de que a Igreja somos nós, batizados em Cristo e por Ele escolhidos a ser «povo santo de sacerdotes» para «proclamar as admiráveis obras de Deus». Importa «reimaginar» a Igreja que somos não dando como certo e imutável aquilo que por natureza é efémero e transitório. Importa que cada crente (re)assuma o seu compromisso pessoal e batismal com Cristo e a sua Igreja.

O atual contexto social e político que vivemos e que alguém denominou de «tempestade perfeita» pode também na sua exigência contribuir para um apurar da fé e do compromisso de cada cristão. A fé acomodada e instalada que interiorizou os valores do individualismo consumista, tem que dar lugar ao compromisso, responsabilidade e disponibilidade para com o trabalho da Igreja e o testemunho desta perante a sociedade.

Cada «pedra viva», cada crente, cada batizado, possui dons, sonhos e visões que são necessários para o todo que é a Igreja. Ninguém se deve, pois, abster de participar e dar o seu contributo para o trabalho e vivência da sua Igreja e para o construir de uma «esperança viva» capaz de dar sentido à vida de tantos e tantas que andam «cansados e oprimidos».

A todos vos desejo um bom período estival!

+ Jorge